

DEUS E O DIABO NA ROÇA

Explicação popular do mal e seu embate teológico no meio: confronto com o livro de Jó

Plínio Maldaner

Quando ainda não tinha sido formalizada a existência do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) entre nós; quando ainda, via de regra, os fracassos e/ou sucessos na agricultura eram atribuídos a fatores climáticos; quando ainda reinava muito fortemente uma compreensão mítica e obscurantista sobre o sofrimento, ligada a forças ocultas que o determinavam... aconteceu uma prolongada seca num dos municípios do noroeste gaúcho.

Estávamos no mês de agosto, início do plantio da soja e do milho, principais fontes de sustento econômico da região. As conversas de roda giravam obrigatoriamente em torno da estiagem e suas conseqüências imediatas. Fazia anos que o fenômeno não aparecia. E a tal ponto o problema tomou proporção que, numa das celebrações religiosas da Comunidade, o celebrante introduziu o tema, quando interpelou a assembléia sobre como explicar o flagelo... A resposta veio pronta: “Por causa dos pecados do povo!” Tentando aprofundar mais, o mesmo celebrante insistiu: “Que pecados”? – “Pecados ocultos”, foi a resposta.

Quis introduzir o tema com esse relato, porque espelha bem o nível simbólico onde se desenrola a realidade vivida no dia-a-dia. “Os pecados ocultos”, a meu ver, revelam o não-atingível, o imperscrutável e impenetrável, onde não se chega facilmente. Por isso, a necessidade de buscar fora do cotidiano uma comprovação para o que se está afirmando. Às vezes se diz que nesses casos somente o Diabo pode ajudar. Nem Deus consegue nada. Inclusive, assuntos desse gênero são tratados a meia-voz, pelos cantos e aos cochichos.

Por quê?

I. A compreensão mítica ou extraterrestre dos fenômenos naturais

Creio que ao recordar estórias e cenas como a acima descrita, vivenciadas por muitos agentes na prática pastoral, podemos até nos distanciar no tempo e espaço onde se desenrola, se vive e se conta a saga do “paciente” Jó, com suas desventuras de sofrimentos, lamúrias e discussões, como veremos logo mais.

Se, porém, investigarmos mais, espiritualmente não estaremos tão distantes. Com isso quero afirmar que a explicação mítica dos fenômenos naturais, ainda hoje, obedece a uma lógica extraterrestre, se assim podemos chamá-la, e que somente aqueles que a vivenciam na carne a compreendem, dentro de uma lógica ligada inclusive a forças demoníacas, articulada por quem usa fortes poderes mentais, sobre os quais não há como interferir. Desses, é melhor afastar-se, ter respeito, medo ou resignação.

É assim que entendemos a atitude do retirante nordestino, quando, ao deixar o sertão, ruma para o desconhecido. Muito a propósito, João Cabral de Mello Netto, em *Morte e Vida Severina*, faz o retirante cruzar com os demônios que lhe perguntam o que está levando (lembramos que está levando o filho defunto, morto em meio às agruras e descaminhos da seca). É como dizer: agora os demônios têm força, existem. Tudo mais cede espaço...

Acrescentaria: a autoridade e a lógica dessas explicações são tão contundentes que determinam o trabalho e a convivência entre todos. Quantas pessoas consultam o Horóscopo antes de fazer qualquer empreendimento...

2. A compreensão religioso-diabólica

Quem pode mais: Deus ou o Diabo?

Aqui não se trata de promover um certame, para ver quem ganha. Trata-se, acima de tudo, de compreender por que se chegou a propor uma disputa entre forças externas, fora de nosso alcance (Deus e o Diabo), em cujo páreo nós, os sofreadores, seríamos espectadores, mas onde o resultado incidisse sobre nós. É o que nos propõe a introdução ao livro de Jó (Jó 1,1-22). Quem apenas lê essa introdução, ou melhor, quem pontualizar a compreensão do livro a partir desse portal, permanece em meia verdade. Não podemos fixar-nos na porta, tanto de entrada como de saída, para saber o que está dentro. É necessário tomar contato com o texto (aliás, sugestão do CEBI/MG já em 1996).

Um primeiro passo é situar o livro de Jó ao tempo da restauração e volta do Exílio, então já sob o domínio persa. A política persa facultava aos repatriados se reorganizar como colônia, respeitando, inclusive, seus costumes, suas tradições, sua religião. Deveriam aceitar ser um protetorado do império (uma Satrapia), e pagar religiosamente, em prata, o tributo. A elite dos proprietários, tanto os que haviam retornado do exílio, como os que haviam permanecido, aceitou como normal essa imposição e tratou de acomodar vida, economia e fé às novas exigências. Mas a classe humilde não estava em condições. E Satanás entra na história.

Satanás, o acusador (no hebraico), vai fazendo ver que a crença em Javé, na organização comunitária, entrega o mundo e as pessoas aos caprichos da natureza, das doenças, da morte... “Porque alguém cometeu pecado”...

O pobre se vê encurralado. Vai definhando, vai se retirando, gemendo resignado. Não há o que fazer.

3. O bode expiatório

O sofrimento, é verdade, não tem tido ao longo da história humana uma explicação que satisfizesse. Foge à nossa compreensão plena. Mas sempre houve teorias, teologias, filosofias que se ocupassem do tema e, a seu modo, tentaram encontrar uma resposta. Vamos aprofundar.

Ao tempo de Jó, ou quando foi escrito este livro, Esdras e Neemias foram encarregados de adaptar a colônia judaica dentro da organização da Satrapia Transeufrates às exigências e normas do Imperador Dario. Interessante como a Bíblia não estabelece uma cronologia entre as intervenções e missões dos dois. Norman Gottwald chega a dizer que “a ligação essencial de seu trabalho constitui problema historicamente desnorteador, atualmente insolúvel” (*Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*, p. 40). Esdras seria tanto sacerdote como escriba (cargo administrativo). Neemias é mais chefe político, mas usa a lei (Torá) para organizar o povo (Ne 8).

Diante disso, como a população vai reagir?

Vai reagir procurando explicação que evidencie alguma ligação com o mundo extraterreno, participação de alguma divindade, de algum astro (lembramos que Zoroastro tem origem neste ambiente e neste tempo).

Trazemos à memória outro fato acontecido em nossos interiores, o comentadíssimo caso da peste suína africana. Todos recordam, inclusive, o apelido com que o Ministério da Agricultura denominou a dita peste. Para acabar com a epidemia, vinham os inspetores da vigilância sanitária com ordens oficiais, rodeados por um pelotão de PMs que, sem maiores cerimônias, iam às pocilgas dos proprietários anteriormente notificados e, num ritual de fuzilamento, matavam todos os porcos... Nunca mais esqueço o choro e a estupefação de um dos casais atingidos, quando relataram como foram agredidos. Refletiam medo e angústia. Um terrorismo! Lembro de gente que disse: “o Diabo está solto”. Era um comentário só entre os vizinhos, nas rádios. Havia quem acusasse os atingidos de que não haviam tomado suficiente cuidado, nem seguido as normas de higiene...

Todas as vezes que os jornais e a TV noticiam a vinda dos emissários do FMI e do Banco Mundial às nossas capitais, é de se perguntar o que são e o que representam mesmo.

Sim, pois se revestem de poderes tão extraordinários, e recebem tanta reverência, que precisamos nos perguntar se esses executivos são sacerdotes, ou tecnocratas e a que deus servem – ao deus “capital”? –. Não deixa de haver semelhança, *mutatis mutandis*, entre os “Neemias-Esdras” de ontem e os de hoje.

4. Perspectivas de compreensão

Tanto no original hebraico, como nas traduções contemporâneas, a Bíblia sempre usa o termo *Satanás*, não ainda o nome próprio (no livro de Jó). O Novo Testamento muda, como se quisesse personificá-lo como entidade do mal, oposta a Javé. É o diabo mesmo!

Essa é uma forma de compreensão e podemos chamá-la de mítica e/ou religiosa. Mas permanece a dúvida: quem acusa mesmo? Acusa a quem? Como e quando?

4.1. Quem acusa é a própria situação de miséria, ignorância, não-vida que afeta o pobre e quem com ele partilha a vida. O livro de Jó descreve como a desgraça atinge a plantação, a criação, os filhos e, ao final, ele próprio, pois se torna leproso (doença que excomungava do convívio social e familiar seu portador, segundo as normas da pure-

za). Por outro lado, acusadores são aqueles que, direta ou indiretamente, cooperam na exploração, endividamento dos pequenos. Acusadores são aqueles que tomaram o partido dos bem-sucedidos. Os amigos da ocasião, os que usam a Teologia como forma de sacralizar a atitude dos que propõem um Deus e uma Religião voltados para seus interesses, os interesses dos que vencem, dos que não têm problemas a resolver. Os conhecidos “amigos”.

4.2. Acusados são todos os que não contam com a defesa do sistema político (ninguém os representa no Parlamento); não participam do sistema econômico (não há quem lhes dê crédito); párias do sistema social (são marginalizados e entre si não logram unir-se); os excluídos do sistema cultural (suas manifestações são vilipendiadas, tornadas indignas).

Acusados são todos os explorados em seus direitos, quer de dentro, quer de fora da sociedade.

4.3. Todas as vezes que os marginalizados querem erguer-se, querem encontrar uma melhora, uma solução para seus inúmeros problemas, surgem tantos empecilhos, tantos opositores, que nunca poderão ter segurança ou garantia de que algo possa dar certo com eles. É nesta hora que até os da própria família (a esposa de Jó, no livro) são contrários e mostram sua força para abafar o grito de quem quer sair da opressão, da tirania. Além do mais, procuram justificar seu posicionamento com doutrinas religiosas e ideologias de toda ordem. “Deus quis assim”, “pobre tem que sofrer mesmo...”

5. Resgate da dignidade

“Lutar contra o destino, ninguém pode”!

Esse dito popular é uma filosofia de vida que impregna o ser e o viver de muitos de nosso povo. Mas qual é o destino que está sobre nossas cabeças, e que atinge somente alguns? Pois, quantos nunca se preocuparam com o sofrimento e passam pela vida sem preocupações maiores?...

Dois exemplos:

5.1. *Os sem-terra*

Bendita a hora em que perdemos o respeito humano e tivemos coragem, ainda que tênue, de propor uma nova ordem de coisas para os dois surpresos deserdados da roça, que nos escutavam! (estávamos nos começos da década de 1980)... Bendita a hora em que um louco (“seu” Natalino), com sua família, montou o primeiro barraco ao lado de uma encruzilhada!... Benditas todas as horas em que se optou trocar uma “tranqüilidade” caseira pela luta por terra num acampamento ou por uma ação de reivindicação! Benditas todas as manifestações em que foi preciso enfrentar um *status quo* adverso, mas que não amedrontou, mesmo diante de autoridades, quer civis, quer religiosas ou militares...

No entanto, quantos e quantas não tiveram a ousadia de enfrentar essas forças demoníacas, deixando-se levar pela consciência dependente de não mudar o que está aí,

pensando não serem capazes de arriscar e não entendendo que dependem de si mesmos para haver mudança...

5.2. *Os deficientes físicos*

Está muito presente em nós (observe-o em mim mesmo) a crença de que a pessoa portadora de deficiência física merece dó, compaixão. No dia em que dermos essa impressão a um portador de deficiência e ele reagir protestando, teremos visto um exemplo de que ele venceu o mal na série de preconceitos ou sentimentos que a sociedade nutre em relação a eles, os deficientes (chamados). É notório como esse problema afeta a nós todos! A gente que se diz são, ou sem deficiência, gostaria de dar lição aos deficientes. Mas eles querem ser tratados e vistos como qualquer outra pessoa, respeitada a sua excepcionalidade. Trata-se de uma atitude superadora de qualquer tipo de discriminação ou recalque.

6. A sociedade é um espelho

O que está em jogo diante dos diabos, satanases, poderes demoníacos, em todos os tempos, é o julgamento que se realiza da sociedade. O juiz será o pobre. Os jurados são as mulheres e crianças que ainda resistem diante das múltiplas mutilações de que são vítimas. O tribunal acontece todos os dias. Elias é o porta-voz de Javé quando é enviado para Sarepta, na casa da viúva, e ele a encontra na porta da cidade ajuntando uns gravetos para preparar a última ração. A sociedade recebe a primeira acusação (1Rs 17,7-16).

Todas as vezes que os pobres se organizam e montam acampamentos, ocupações, desfilam pelas nossas cidades, estamos sendo julgados. Satã será advogado de acusação de quem?

O Bem poderá vencer, mas quem vai organizá-lo?

De que lado nós ficamos?

Bibliografia

CEBI, MG. *A impaciência de Jó*. CEBI: São Leopoldo, 1996.

DIETRICH, Luiz J. *O grito de Jó*. São Paulo: Paulinas, 1996.

GOTTWALD, Norman K. *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Paulinas, 1988.

MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1984.

MERTENS, Henrich. *Manual de la Biblia*. Barcelona: Herder, 1989.

YUNIUS, Muhammad. *O banqueiro dos pobres*. São Paulo: Ática, 2001.

Plínio R. Maldaner
Caixa Postal 58
96460-000 Hulha Negra, RS